

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

BOLETINS DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

XXIV

ETNOGRAFIA
e
LÍNGUA TUPÍ-GUARANÍ
N. 3



SÃO PAULO, 1941

M. DE L. DE PAULA MARTINS

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO
DO
TEATRO TUPÍ DE ANCHIETA

DIÁLOGO E TRILOGIA
(Segundo manuscritos originais do Sec. XVI)

SÃO PAULO — 1941

NOTA PRÉVIA.

Consta o presente "Boletim" de trabalhos realizados, pela Srta. Maria de Lourdes de Paula Martins, junto à nossa Cadeira de Tupi-guarani.

Vencendo inúmeras dificuldades, relativas à escassa bibliografia sôbre o assunto e à interpretação dos textos tupis do século XVI, conseguiu, entretanto, com notável probidade científica e com invejável paciência, satisfazer os seus nobres desejos de contribuir, com pesquisas originais, para o melhor conhecimento da obra poética de Anchieta.

Analizou e traduziu, assim, quatro poesias do grande taumaturgo do Brasil, baseada em documentos manuscritos autênticos, existentes nos arquivos jesuíticos de Roma, e que nos foram transmitidos, por cópias fotográficas, pelo ilustre escritor Rev. P. Frota Gentil, S. J.

Dando publicidade a êsses trabalhos, certos estamos de premiar de alguma forma os esforços inteiramente espontâneos da Srta. Maria de Lourdes de Paula Martins, licenciada pela nossa Faculdade, e de pôr à disposição dos estudiosos elementos de alto valor para pesquisas futuras no setor ainda pouco explorado da linguística americana.

Plínio Ayrosa.

Por ocasião do 4.º centenário da fundação da Cia. de Jesus (1), entre os estudos feitos relativamente à sua obra — obra notável e de extensão quasi universal — multiplicaram-se, no Brasil, as referências à de Anchieta, em particular.

E repetiu-se o que desde muito tempo vinha sendo dito: Anchieta, iniciador de uma literatura poeticamente inaugurada em páginas de areia, Anchieta, creador do teatro nacional. A obra literária de Anchieta e seu teatro, continuavam, entretanto, conhecidos por curiosos apenas...

Traduziamos então, justamente, o teatro tupi de Anchieta, e pareceu-nos oportuno estudar alguns trechos dêle, em contribuição modesta para investigações mais vastas.

Iniciâmo-los com duas pequenas peças — um diálogo e uma trilogia — características de dois aspectos da catequese. Desataviadas, embora, de recursos literários, são, contudo, de uma graciosa simplicidade, nos originais tupi-guaranis.

M. de L. de Paula Martins.

(1) - Setembro de 1940.

I

O diálogo

O diálogo encontra-se, entre as poesias de Anchieta, à página 27 do caderno pertencente aos documentos autênticos da Cia. de Jesus, em Roma (1).

Nas "Primeiras Letras" (2) aparece uma tradução dêle, feita por d. João da Cunha, tradutor do século 18.º. Reproduzimo-la em nota (3), afim de que se retifique, pelo confronto com o original, a falsa impressão que deixam, por vêzes, as publicações da obra de Anchieta. Pois, si é verdade que seus trabalhos foram compostos à pressa, quasi sem retoques literários e difficilmente adaptados às exigências do ambiente em que deviam ser levados à cena, não é absolutamente certo que sejam desconexos ou truncados, como nos aparecem, quando os encontramos impressos. Nem a simplicidade da obra implica inferioridade da língua ou do autor; antes, uma análise criteriosa e inteligente é obrigada a reconhecer a arte com que Anchieta soube aproveitar valores psíquicos e ajustá-los às necessidades instantes.

Não terá sido, com certeza, uma tarefa simples, fazer o índio compreender a devoção à Virgem; a veneração nasce muito depois do terror. E o que se pode observar nos povos primitivos é apenas certo pânico diante de fatos, como as epidemias e pestes, cujas causas são ignoradas e parecem, por isso, sobrenaturais.

Si analisarmos, por exemplo, à luz da psicologia popular, as dansas mímicas do mago da tribo que, disfarçado em ser maligno, faz-se acompanhar de cantos corais, reconheceremos que seu móvel é, exclusivamente, conjurar, ou abrandar ao menos, pela lisonja, a cólera de um inimigo, que é temível, porquê é maléfico, e incombátil, porquê desconhecido. Nascem assim, como demônios, os primeiros deuses.

(1) - Vide clichê, pag. 15.

(2) - Ed. da Academia Brasileira de Letras, 1933, pag. 112.

(3) - Pag. 32.

Depois, êsse primeiro culto converte-se em sacrifício, torna-se cerimônia pública religiosa, recebe cunho oficial. . . e acaba por constituir-se em representação teatral.

Foi assim na Grécia onde, perdido o pavor dos antigos demônios do campo e da vegetação, persistiu o gôsto dos espectadores, não só pelas dansas que, durante as colheitas, eram celebradas por indivíduos disfarçados em bodes, em honra de Dionísio, mas também pela pantomima, que constituíam os episódios da vida do deus: o público, impressionado, comovia-se com suas aventuras e ria-se, divertido, dos saltos ridículos dos sátiros.

Foi assim em Roma, cuja população, avêssa, por índole, às recreações do espírito, introduziu os "ludi romani" numa festividade religiosa, de caráter oficial, destinada a debelar, com homenagens divinas, a virulência da peste que enlutou o consulado de Stolo e Péticus (1).

Foi assim na Idade Média, com as representações dos mistérios cristãos, e são assim, hoje, as procissões que se organizam, em certas cidades do interior, para combater a sêca. Há, na Europa central, comarcas onde ainda é hábito atirar à agua, por ocasião de epidemias, um boneco que representa a Morte. A cremação do Judas, na Aleluia, é uma dessas manifestações primitivas, adaptada às atuais concepções cristãs.

E' assim, também, no diálogo que vamos apresentar.

Para compreender a devoção à Virgem, o índio deve assistir, à luta entre o bem e o mal, personificados num anjo, que protege, e num demônio, que corrompe e mata. Pelo poder da Virgem, a aldeia pacificase, purificada de pecados e moléstias que a afligem. O demônio é expulso e ridicularizado.

Processo idêntico, como se vê, é baseado em idênticos elementos.

Aliás, o receio de moléstias, entre os índios, chegava a ser supersticioso; a morte, para êles, só se justificava na guerra, diante do inimigo, ou na floresta, pela fúria das feras.

(1) - 394 A. C. (Tito Lívio, Décadas, VII, 2).

Creada ao ar livre, habilitada, pelo exercício, a uma grande resistência física, a raça vermelha era essencialmente sadia. Posta, porém, em contacto com a branca, contagiada por ela, apresentou um acréscimo sensível no índice de mortalidade: uma epidemia de "influenza" bastava, por vêzes, para dizimar a tribu, pois aos primeiros sintomas de febre o índio atirava-se à agua, iludido pela momentânea euforia produzida pelo banho, e a moléstia tornava-se fatal.

Assim se explica que o contágio fosse considerado crime e que se punissem severamente os causadores, mesmo involuntários, dêle. Talvez porisso algumas tribus abandonassem os enfermos graves na floresta, onde vinham a morrer, mais frequentemente devorados pelas feras, que abatidos pela virulência do mal.

Conta-se, que os Chavantes recusam-se, atualmente, a manter, com os Carajás e Bororos civilizados, relações que foram, outrora, muito amistosas, alegando a lembrança que têm de moléstias surgidas logo após suas visitas, e atribuídas, com certa razão, ao contacto dos brancos. E', sobretudo, notável, a sua prevenção contra as afecções pulmonares, vulgarmente denominadas "catarro" e que englobam uma série de perturbações, desde o simples resfriado até a pleurite e a tuberculose.

Estas considerações se confirmarão, no diálogo, em referências, um tanto grosseiras, talvez, a êsse temor primitivo.

Mas não admirará que o teatro tupi se inaugure com peças de um significado, à nossa suscetibilidade de civilizados, exageradamente concreto; o admiravel é entrever, por êsses primeiros ensaios, a habilidade com que Anchieta, adivinhando as possibilidades do teatro na obra da catequese, soube orientá-lo segundo diretrizes de uma psicologia universal, transformando-o em instrumento pedagógico da Companhia.

*

*

*

↪ Dia da Abripca, quato lenomad
Sun piazem a Reviriba.

Ayo no caminlo.

Ayo.

Ejoni Uizé Maria
Tupá u' co taba uipa
nomo anhoça m' d'ja
reicatu nde rancupa
do ree uye boririja.

Eipeapa maraana
taubas reicavugui
rijucaiba, nu au
uyewbia tapiam
Tupá nde membra vi.

Diabo.

Afari, enyu tenta
tata u' xi peaki
uyemwota pabé
rojara xe ree
xe reicuparamabi

Ewazehi' nde xewape
nairpotari nde reique
ybiriguama
awu u' xe upape
nawibi' nde rose.

↪ Tete mará eyabomá
ybiriguama abe
seacui pai Tupá.
eioa ca tata puje.

uxo co taba rawana
uwmidonde ixuine
oique Tupá u' corine.
queixecu nde repentana.

Diabo.

↪ xe pucamubete má
uipiuw Tupá u'
xe utama xe u'
Tupá u' xe umara.
u' fala u' seos
epambirugui.

↪ Tiaw taba pobu
yande m'be yande

Diabo.

Nei tiaw tauge
angaijada amo rore.

Texto do diálogo segundo reprodução fotográfica autêntica
pertencente ao arquivo do Prof. Plinio Ayrosa.

CÓPIA DO ORIGINAL:

— Dia da Assúpção, quãdo leuarão
Sua imagem a Reritiba —

Anjo no caminho

- | | | | |
|----------|-----|---|----------------------|
| | 1. | — | F. Ejori Virgê Maria |
| | 2. | — | Tupã ci co taba çupa |
| Estr. A. | 3. | — | mamo anhãga mōdija |
| | 4. | — | teicatu nde rauçupa |
| | 5. | — | de rece oyeboririja. |
| | 6. | — | Eipeapa maraara |
| | 7. | — | tacuba, teicoaruqui |
| Estr. B. | 8. | — | tigue aiba, uu aci |
| | 9. | — | toyerobia tapijara |
| | 10. | — | Tupã nde membira ri. |

Diabo

- | | | | |
|----------|-----|---|-----------------------|
| | 11. | — | F. Aani, ereju tenhe |
| | 12. | — | taba çui xe peabo |
| Estr. C. | 13. | — | oyemomota pabê |
| | 14. | — | tapijara xe rece |
| | 15. | — | xe recopotacatuabo |
| | 16. | — | Ecoayebi nde reco ape |
| | 17. | — | naipotari nde reique |
| Estr. D. | 18. | — | ybitiriguara e |
| | 19. | — | areco co xe rupape |
| | 20. | — | naçoribi nde rece. |

Anjo

21. — F. Tete marā eyabo mā
 22. — ybitiriguara abe
 Estr. E. 23. — oçaçu pai Tupā.
 24. — ecoa ea tata pupe.
25. — Yxe co taba raroana
 26. — oromōdonhe ixuine
 Estr. F. 27. — oiique Tupā ci corine.
 28. — Queixeçou nderepenhana.

Diabo

29. — F. Xeporeaçuubete mā
 30. — oipicirō Tupā ci
 Estr. G. 31. — xe retama xe çui
 32. — Tupā ci xe çumarā.

— *fala cō seus cōpanheiros*

33. — Tiaço taba pobu
 34. — yande mōdo yanōde.

Estr. H.

Diabos

35. — Neĩ tiaço tauge
 36. — angaipaba amo reru.

TRANSCRIÇÃO EM ORTOGRAFIA ATUAL (1):

— Dia da Assunção, quando levaram
sua imagem a Reritiba —

Anjo no caminho

1. a. — F. Ejorí, Virgem Maria,
2. b. — Tupāsý, ko tába súpa,
3. c. — mamõ añánga mondýia.
4. d. — Teikatú, nde rausúpa,
5. e. — de resé ojeboryrýia!

6. a. — Eipeápa maraára
7. b. — — takúba, teikoaruguy,
8. c. — tygueaíba, uú asý —
9. d. — tojerobiá, tapijára,
10. e. — Tupã nde membýra ri.

(1) - As alterações ortográficas reduzem-se a: 1.º) Acentuação dos vocábulos. 2.º) Pontuação das frases. 3.º) Modificações gráficas, a saber: a) \bar{a} , \bar{o} , \bar{e} = *an*, *on*, *en* antes de *g*, ex.: *mõdo*, transc. *mondó*; b) *nh* = \tilde{n} , ex. *anhãga*, transc. *añánga*; c) *c* gutural = *k*, ex. *tacuba*, transc. *takúba*; como sibilante, *ç* grafava-se *s*, ex.: *rauçupa*, transc. *rausúpa*; d) *g* não gutural representa-se por *j*, ex.: *tauge*, transc. *tauje*; e) *x* = *ch*, ex.: *xe*, transc. *che*; f) há uma grande hesitação na grafia do som *i*, que apresenta, em tupí, mais uma tonalidade, típica, para a qual Anchieta adota *i*, *y*, *j* e mesmo *ij* e *ig*. Reservamos para essa vogal especial, o *y*, ex.: *membira*, transc. *membýra*; *ybitiriguara*, transc. *ybytyriguára*. O *j* (*i* longo de Anchieta) indica, às vêzes, hiato com a vogal anterior, ex.: *mõdija*, transc. *mondýia*; g) seguido de vogal, o *y* funciona como consoante, ex.: *oyeboririja*, transc. *ojeboryrýia*.

Diabo

11. a. — F. Aani! erejú teñé,
 12. 2. — tába súi (1) che peábo.
 13. c. — Ojemomotá pabē
 14. d. — tapijára che resé,
 15. e. — che rekopotakatuábo.
16. a. — Ekoajebý nde rekoápe;
 17. b. — naipotári nde reiké.
 18. c. — Ybytyriguára e,
 19. d. — arekó ko che rupápe,
 20. e. — nasorýbi nde resé...

Anjo

21. a. — F. Teté marā ejábo mā!
 22. b. — Ybytyriguára abé
 23. c. — osausú paí Tupā.
 24. d. — Ekoá eá tatá pupé!
25. a. — Iché, ko tába raroána,
 26. b. — oromondoñé ichuíne,
 27. c. — oiké Tupāsý koríne.
 28. d. — Ke! iché sôu nde repeñána!

Diabo

29. a. — F. Che poreausubeté mā!
 30. b. — Oipysyrō Tupāsý
 31. c. — che retáma che sui...
 32. d. — Tupāsý che sumarā!

(1) - Vide Análise Métrica, pag. 26.

— *fala com seus companheiros* —

33. a. — F. Tiasó tába pobú,

34. b. — jandé mondó janondé!

Diabos

35. c. — Neí! tiasó taujé

36. d. — angaipaba amō rerú...

ANÁLISE MÉTRICA

O diálogo compõe-se de 36 versos, distribuídos em 4 quintilhas e 4 quadras, regularmente divididas entre os dois interlocutores — o anjo e o diabo. Fala, em primeiro lugar, o anjo (1), e suas palavras ocupam as duas primeiras quintilhas; responde o diabo em outras duas. Retorna então o anjo (2 quadras) e termina o diabo (2 quadras). A última quadra, todavia, para melhor efeito cênico e fêcho impressionante da peça, subdivide-se em duas partes, de dois versos cada uma, ouvindo-se, nos dois finais, um côro de anjos maus, que encerram a discussão e fogem.

METRO: Todos os versos são redondilhas maiores, ex.: *E-jo-ri-Vir-gem-Ma-ri(a)* (V. 1), *a-re-kó-ko-che-ru-pá(pe)* (V. 19), *jan-dé-mon-dó-ja-non-dé* (V. 34), etc..

ACENTUAÇÃO: A acentuação recai em 3.^a, 5.^a e 7.^a, ex.: *Ei-pe-Á-pa-MA-ra-Á(ra)* (V. 6), *ta-py-JÁ-ra-CHE-re-SÊ* (V. 14), etc. Em

(1) - No início de cada parte há um F., provavelmente abreviatura de "Fala".

alguns versos (1), porém, acentuam-se 2.^a, 4.^a e 7.^a, ex.: *ma-MÓ-a-ÑÁ-nga-MON-dý-(ia)* (V. 3), *te-I-ka-TÚ-nde-rau-SÚ-(pa)* (V. 4), *te-TÊ-ma-RÃ E-já-bo-MÃ* (V. 21), etc.

Há, no verso 12, um hiperbismo: *ta-ba-SÚ-i-che-pe-á(bo)*. Explica-se, pela proximidade do pronome *che*, em que concorrem as formas *che* e *iché* (2) confundindo-se, assim, a posposição anterior.

RIMA: A rima é irregularmente distribuída, embora, em geral, Anchieta a empregue com muita simetria (cf. trilogia). Nas quintilhas, a estrofe A rima a-c-e e b-d; a rima é, aí, feminina. As estrofes B e D rimam a-d femininas e b-c-e, masculinas. Nas quadras, a rima é cruzada e masculina em E, interpolada nas demais (F, G, H), mas mesmo nestas há irregularidade: a estrofe F tem rimas femininas, e as demais, masculinas. As rimas masculinas são tôdas, porém, toantes, e as femininas, consoantes.

ANÁLISE GRAMATICAL

ESTROFE A

Verso 1. *Ejorí, Virgem Maria — Vem, Virgem Maria ejorí — vem.* Imperativo exortativo de *ur*, na forma temática original *or*, precedida de índice de 2.^a pessoa singular e. O *i* intervocálico é um alongamento ($j = i$ longo), que se deve à

(1) - São os versos 3, 4, 7, 16, 21, 25 e 27.

(2) - Cf. Vs. 28, 29.

circunstância de ser a vogal seguida de outra, com a qual entra em composição; êste fato é comum aos verbos, adjetivos e substantivos, ex.: *akýr* (tenro) —>*ijakýr*. O verbo *ur* apresenta, todavia, um imperativo reduzido *jorí*, sem índice pessoal (*e*), pois o emprêgo da posposição *i* dispensa êsse índice (cf. *akañẽ*><*che kañemí*, eu fujo), o que se verifica na forma *ejór*, regular e corrente na língua. A expressão *ejorí* (com índice e posposição) é uma variante dessa (*ejór*), acrescida do complemento terminativo (*i*) de que se usa para indicar perseverança na ação, ex.: *ajeruré* (eu peço), *ajerureí* (peço, com instância); *ajúr* (eu venho), *ajurí* (venho empenhadamente); *ejór* (vem tu), *ejorí* (vem, suplico-te).

Verso 2. *Tupāsý, ko tába súpa* — Mãe de Deus, visitar esta aldeia
Tupāsý — mãe de Deus. Neologismo, creado pelos jesuitas, com os vocábulos *Tupā* (de Deus) + *sy* (mãe). A anteposição do substantivo implica genitivo. Deve-se notar que a ocorrência de muda e líquida é contrária à índole do tupí, que só admite os grupos *mb*, *nd* e *ng*; raro encontrar-se *nt*. No caso, essa ocorrência é, evidentemente, artificial.

ko tába — esta aldeia.

súpa — visitar. Supino de *sub*, formado por meio da desinência de gerúndio-supino *a* : *sub* + *a* = *súba*><*súpa*.

Verso 3. *mamō añánga mondýia* — longe o diabo assustando
mamō — longe. Advérbio, cf. *amō*, V. 36.
añánga — o diabo. Composto de *ai*<*aíb* (do mal) + *ánga* (alma) = *aiánga*><*añanga* ou *ā*<*ang* (sombra) + *ñang*>
ña (rápida, cf. *ñā*, correr).

mondýia — assustando. Gerúndio (suf. *a*) de *mondýi*, composto de *mbo* (fazer) + *týi* (tremar) = *mbotýi*><*mondýi*.

Verso 4. *teikatú, nde rausúpa* — oxalá possa, amando-te
teikatú — oxalá possa. Optativo (característica *t*) de *ekatú* (poder), em 3.^a pessoa (*eikatú*). Êste verbo pede comple-

mento no gerúndio.

nde — te. Pronome e adjetivo possessivo de 2.^a pessoa singular.

rausúpa — amando. Gerúndio de *rausúb*, rel. de *ausúb* (amar), cf. V. 2.

Verso 5. *de resé ojeboryrýia* — por ti tornando-se diligente

de — ti. Forma reduzida de *nde*, V. 4.

resé — por. Posposição causativa.

ojeboryrýia — tornando-se virtuosa. Composto de *o* (índice de 3.^a pessoa) + *je* (reflexivo) + *bo* < *mbo* (fazer) + *riryí*, ser diligente, virtuoso, extensão do sentido de *ryrýi* (tremmer (1)), cf. *týi*, V. 3) + *a*, suf. de gerúndio. Este gerúndio é exigido por *teikatú* (V. 4).

ESTROFE B

Verso 6. *Eipeápa maraára* — afasta todas as doenças

eipeápa — afasta tu. Imperativo de *peápa* < *peápab* (cf. V. 1), composto de *peá* < *peár* (= *pe*, caminho + *ar*, tomar) + *pab* (acabar, todo, completamente).

maraára — doenças. Forma substantivada (suf. *a*) de *maraár* (doente).

Verso 7. *takúba, teikoarugúy* — as febres, as desinterias

takúba — febres. Forma substantivada (sufixo *a*) de *takúb* (quente), cf. V. 6.

teikoarugúy — desinterias. Composto de *teikoár* (a região anal) + *rugúy*, rel. de *tugúy* (sangue), termo por que se indicava a moléstia hoje conhecida, em linguagem popular, por “cambras ou câmaras de sangue”.

(1) - P. Ayrosa, “Bariri”, in “O Estado de São Paulo”, 20/10/40.

- Verso 8. *tigueaiba, uú asý* — as corruções, a tosse
tigueaiba — as corruções. Composto de *tigué* (barriga) +
aiba > *aib* (má).
 “*Tigueaiba*” eram as “cambras ou câmaras sem sangue” (cf.
 V. 7) a que estavam muito sujeitos os índios, e provocavam,
 com as “*teikoarugúy*”, o aparecimento das “*teikoaraiba*”, es-
 pécie de hemorroides, de tratamento muito doloroso (1); ain-
 da hoje atacam seriamente os índios de Mato Grosso.
uú asý — catarro. Literalmente, da tosse a doença. Vejam-
 se, a respeito, as observações feitas à pag. 13.
- Verso 9. *Tojerobiá tapijára* — oxalá creiam os tabajaras
tojerobiá — oxalá creiam. Optativo (característica *t*) de
jerobiá (crer), em 3.^a pessoa (índice *o*). O verbo compõe-se,
 por sua vez, de *je*, pronome reflexivo + *rõ* (pôr) + *biá*, al-
 teração de *byá* > < *pyá* (coração).
tapijára — tabajaras. Composto de *tába* (aldeia) + *pe* (lo-
 cativa) + *i* (pronome de 3.^a pessoa) + *jára* (senhores), i. é,
 aqueles que são senhores na aldeia.
- Verso 10. *Tupã nde membýra ri* — em Deus teu filho.
Tupã — Deus. Palavra por que designaram, a princípio, o
 trovão. Talvez de origem onomatopaica. Conservada nas
 denominações cristãs.
nde — teu, V. 4.
membýra — filho. Têrmo usado pelas mães (relativamen-
 te aos pais chamam-se os filhos *taýra*). E’ particípio passivo
 de *mẽ* (ligar) + *pýra* (sufixo participial passivo).
ri — em. Posposição < *resé* (V. 5).

(1) - Martius, “Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios bra-
 sileiros”, S. Paulo, 1939, pag. 159.

ESTROFE C

- Verso 11. *Aanil erejú teñé* — Não! tu vens de balde
Aani — não. Usa-se também nas formas *aní* e *aanü*.
erejú — tu vens. Presente de *ur* (V. 1) em 2.^a pessoa singular (V. 1).
teñé — em vão. Forma tupí de *te ñ*, que é a negativa de *te*, raiz pela qual se indica o fato real, cf. *eté* (verdadeiro), *te* (certamente), *teté* (o corpo). etc..
- Verso 12. *tába súi che peábo* — afastar-me da aldeia
tába — aldeia.
súi — da. Posposição, indica ponto de partida. Acentuação correta, *súi* (1).
che — me. Pronome e adj. possessivo de 1.^a pessoa singular. Serve nos casos reto e oblíquo, exceto no dativo, que tem forma própria (*chébe* / *chébo*). Junto dos qualificativos substitue o verbo substantivo, ex.: *che katú*, sou bom.
peábo — afastar. Supino de *peá* (V. 6); *bo* sufixo modal.
- Verso 13. *ojemomotá pabē* — seduziram-se todos
ojemomotá — O (índice de 3.^a pessoa + *je* (reflexivo) + *mo* < *mbo* (fazer) + *motá* < *motár* > < *potár* (querer). *Momotar*, convencer; *jemomotár*, convencer-se, seduzir-se.
pabē — todos. Cf. *pab* (acabar), V. 6.
- Verso 14. *tapijára che resé* — os tabajaras por mim.
tapijára — os tabajaras, V. 9.
che resé — por mim, Vs. 5 e 12.
- Verso 15. *che rekopotakatuábo* — querendo muito conservar-me.
che — me. V. 12.
rekopotakatuábo — querendo muito conservar. Composto de

(1) - Vide "Análise métrica", pag. 20.

rekó (ter) + *potá* (querer) + *katú* (muito) + *ábo* (suf. de gerúndio) > *bo* (cf. V. 12).

ESTROFE D

- Verso 16. *Ekoajebý nde rekoápe* — Volta à tua condição
ekoajebý — volta. Composto de *ekoá* (vai tu) + *jebý* (de novo). O imperativo é do verbo só (ir), que apresenta as formas *ekoāi* (vai tu) e *ekoá*, imprecativa (vai-te, some-te!).
nde — tua. V. 4.
rekoápe — à condição. De *rekoár* (condição), composto de *rekó* (o estado, estar) + *pe*<*upé*, posposição de dativo empregada em acusativo de direção.
- Verso 17. *naipotári nde reiké* — não quero tua entrada.
naipotári — não quero. Negativo de *potá*, em 1.^a pessoa singular.
nde — tua, V. 4.
reiké — entrada. Rel. de *iké* (entrar, extensivo de *iké*, lado).
- Verso 18. *ybytyriguára e* — como os moradores da serra
ybytyriguára — os moradores da serra. Composto de *ybytyr* (serra), *iguára* (os habitantes); o primeiro elemento é um composto de *yby* (terra) + *tyr* (erguida); o segundo, do pronome *i* e particípio *guára* (de *u*, ingerir), que significa “o que come em, que vive em”.
e — como. Posposição.
- Verso 19. *arekó ko che rupápe* — estou aqui em minha morada.
arekó — estou. Verbo *rekó* (estar) em 1.^a pessoa singular (índice a).
ko — aqui. Advérbio, cf. V. 1.
che — minha. V. 12.
rupápe — em morada. *Rupá*<*rupáb* (morada) e posposição locativa *pe* : *rupáb* + *pe*>*rupápe*.

- Verso 20. *nasorýbi nde resé* — não me alegro por ti.
nasorýbi — não me alegro. Negativa de *orýb* (alegrar-se),
 em 1.^a pessoa do singular.
nde resé — por ti. Vs. 10 e 14.

ESTROFE E

- Verso 21. *Teté marā ejábo mā* — O! verdadeiro absurdo estás dizendo.
Teté — verdadeiro. Forma absoluta de *eté* (V. 11).
marā — absurdo. Parece contração de *mbaé* (cousas) + *rab*
 (soltas).
ejábo — tu dizendo. Gerúndio de *e* (dizer), em 2.^a pessoa sin-
 gular (índice *e*); *bo*, sufixo modal (V. 12).
mā — O! Interjeição pospositiva.

- Verso 22. *ybytyriguára abé* — os habitantes da serra também
ybytyriguára — os habitantes da serra, V. 18.
abé — também. Posposição.

- Verso 23. *osausú pai Tupā* — amam o senhor Deus.
osausú — amam. O índice de 3.^a pessoa, *sausú*, rel. de
ausú < *ausúb* (amar).
pai — o senhor. Tratamento de respeito, concedido a Deus,
 aos sacerdotes, feiticeiros, etc. A palavra parece introdução
 portuguesa, mas existe, no kéchua, *paia* (velha, avó), ao lado
 do chili *pátiru* (tratamento empregado quando se fala a res-
 peito dos padres), e no tupí *pajé*, ente respeitado e temido (1).
Tupā — Deus, V. 2.

(1) - Vide B. Caetano, Notas, in Cardim (Fernão) — Tratados da terra e gente do Brasil, p. 258. Rio de Janeiro, 1925.

- Verso 24. *ekoá, eá, tatá pupél — vai-te, irra! para o inferno!*
ekoá — vai-te. V. 16.
eá — irra! Interjeição.
tatá — fogo, e, por extensão, inferno.
pupé — para. Posposição, cf. upé, V. 16.

ESTROFE F

- Verso 25. *Iché, ko tába raroána — eu, guardião desta aldeia*
Iché — eu > che, V. 12.
ko tába — desta aldeia, V. 2.
*raroána — guardião. Participio substantivo (suf. ára = ána).
do verbo rarō (guardar).*
- Verso 26. *oromondoñé ichuíne — expulsar-te-ei dela*
oromondoñé — expulsar-te-ei. Oro, índice de 1.ª pessoa sin-
gular, quando o objeto direto é a 2.ª pessoa; mondó, mandar,
alteração fonética de mbo (fazer) + só (ir); ñe, sufixo que
significa “por todos os lados”, “inteiramente”. O sufixo de
futuro (ne) pospõe-se ao último termo da frase.
ichuíne — dela. I pronome de 3.ª pessoa + suí, posposição
(V. 12), alterada em chuí diante de i; ne é o sufixo de futuro
pertencente ao verbo anterior (mondoñé).
- Verso 27. *oiké Tupāsý koríne — entrará hoje a mãe de Deus*
oiké — entrará. Verbo iké (V. 17). O sufixo de futuro pos-
põe-se à última palavra da frase (korí — ne).
Tupāsý — mãe de Deus. V. 2.
koríne — hoje. Advérbio de tempo. Ne é o sufixo de futuro,
pertencente ao verbo anterior (oiké), cf. V. 26.
- Verso 28. *Kel iché sóu nde repeñána. — Cuidado! eu vou atacar-te.*
ke — cuidado! Interjeição.
iché — eu, V. 25.

sóu — vou. Verbo *so* (ir). Costuma-se acrescentar aos verbos que não apresentam índice pessoal, uma posposição *i*, si terminam em consoante (1), *u* si terminam em vogal.

repeñána — atacar. Infinito alongado de *repeñā*, rel. de *epeñā*.

ESTROFE G

Verso 29. *Che poreausubeté mā* — O! infeliz de mim!

che — de mim, V. 12.

poreausubeté — infeliz. Composto de *poreausúb* (digno de dó) + *eté* (muito). O composto *poreausúb* forma-se da partícula *pore* <poro + *ausúb* (amar, V. 4) e significa, literalmente, digno de amor, donde a idéia de compaixão, lástima.

mā — ó! V. 21.

Verso 30. *oipysyrō Tupāsý* — libertou a mãe de Deus

oipysyrō — libertou. O índice de 3.^a pessoa + *i*, índice de transitividade, + *pysyrō*, verbo composto de *py* (pés) + *sy* (amarras) + *rō* (tirar).

Verso 31. *che retáme che suí* — minha terra de mim

che — minha, V. 12.

retāma — terra. Forma alongada de *retā*, rel. de *etā*.

che suí — de mim. V. 2.

Verso 32. *Tupāsý che sumarā!* — a mãe de Deus (é) minha inimiga!

Tupāsý — a mãe de Deus. V. 2.

che — minha, V. 12.

sumarā — inimiga.

Não existindo verbo substantivo em tupí, deve-se subentendê-lo.

(1) - Cf. *ejorí*, V. 1.

ESTROFE H

- Verso 33. *Tiasó tába pobú* — vamos revolver a aldeia
tiasó — vamos. Verbo *so* (ir) em 1.^a pessoa do plural inclusiva (índice *ia*); *t* característica de invitativo.
tába — a aldeia.
pobú — sair de. Composto de *po* < *mbo* (fazer) + *bu* < *bur* (sair).
- Verso 34. *janidé mondó janondé* — antes que nos expulsem
janidé — nos. Pronome de 1.^a pessoa plural inclusiva.
mondó — expulsem, V. 26.
janondé — antes que. Posposição.
- Verso 35. *Neĩ! tiasó taujé* — Eia! vamos depressa
Neĩ — eia. Interjeição.
tiasó — vamos, V. 33.
taujé — logo. Cf. guaraní *tanjé* e tupí *tang* (novo), *taĩ* (pequeno).
- Verso 36. *angaipába amō rerú... — os pecados longe levar...*
angaipába — os pecados. Composto de *áng* (alma) + *aib* (mã) + *ába* (sufixo nominal).
amō — longe. Advérbio.
rerú — levar.

TRADUÇÃO (1)

— Dia da Assunção, quando levaram
sua imagem a Reritiba —

Anjo, no caminho

F. Vem, Virgem Maria, mãe de Deus,
visitar esta aldeia
e expulsar dela o demônio.
Oxalá por teu amor
ela se santifique!

Afasta as enfermidades
— febres, desinterias,
as corruções e a tosse —
para que os tabajaras
creiam em teu filho, Deus.

(1) Tradução de d. João da Cunha:

Anjo no Caminho

Vinde cá, Virgem Maria,
Mãe de Deus, amor desta aldeia
Donde o demônio assistia.
Hoje só vós quer a nós
Por amor, ora Princeza.

Si os corações estão limpos
Com o amor que vos tem,
Esquecidos do demônio
Vos pedem vos lembreis d'êles
Que também são do vosso filho

Diabo

F. Tentas debalde
afastar-me da aldeia.
Os tabajaras
gostam de mim
e conservar-me-ão.

Retoma teu caminho;
eu não consentirei que entres.
Como êstes índios da serra,
aquí estou em minha casa
e eu não me dou bem contigo...

Anjo

F. Que absurdo estás dizendo!
Os habitantes da serra
amam a Nosso Senhor.
Vai tu para o fogo eterno!

Diabo

Não; vos vindes cá debalde
E esta aldeia, que é minha,
E por mim, os seus moradores
Me dão tôda posse dela.
Êste lugar todo é meu
E eu não quero sair dêle
E a nação Butigara

Que aquí está neste lugar
Tôda está na minha mão
E não por amor de vós.

Anjo

Detem-te, para que falas?
Os Botigaras também
Amam ao Senhor Deus
E tu vais para o fogo eterno.

Anjo custódio da aldeia,
dela expulsar-te-ei;
reinará a mãe de Deus.
Cuidado! vou atacar-te!

Diabo

F. Pobre de mim!
A mãe de Deus libertou
a terra que era minha...
A Virgem é minha inimiga.

— *fala com seus companheiros* —

Vamos fugir da aldeia
antes que nos expulsem dela!

Diabos

Eia! vamos depressa
longe os pecados levar...

*

*

*

Eu defendo esta aldeia
E te mando com império
Porquê hoje a mãe de Deus
Aqui está como Senhor.

Diabo

Eu fico hoje muito pobre...
Hoje livra a mãe de Deus

Esta terra de meu poder
Como cruel inimigo.

Fala com seus companheiros

Vamos, habitantes da aldeia,
Porquê nos manda partir,

diabos

Sim, vamo-nos, basta,
Fulminemos outros pecados.

II

A trilogia

A "trilogia" encontra-se no mesmo caderno de Anchieta (1), às páginas 31 e seguinte.

Compõe-se de três partes, a primeira das quais parece inédita; pelo menos, não nos foi possível encontrar reprodução dela, nem consta das "Primeiras Letras" (2), onde vêm reunidas as obras poéticas de Anchieta, na mencionada versão de d. João da Cunha. As outras duas aparecem ali isoladamente, como poesias avulsas (3).

A sequência do assunto, porém, e a disposição especial em que o manuscrito as apresenta (4), levam a crer que essas três partes constituem uma peça única. Aliás já B. Caetano aventava essa hipótese (5), justificada pelas cópias do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, onde estas três poesias são objeto de nota à parte (Nota H) e estão precedidas do título comum "POESIA" (6). O confronto com outras peças do mesmo autor e de idêntica disposição, autoriza, parece-nos, a apresentação destas, como uma pequena trilogia do teatro anchietano.

(1) - Vide pag. 11.

(2) - Op. cit.

(3) - Págs. 120 e 135.

(4) - Vide clichê, pag. 39.

(5) - Rev. do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, t. 84, pag. 589.

(6) - Mss. 2105, lata n.º 120 do Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, págs. 13, 14 e 15.

PRIMEIRA PARTE

CÓPIA DO ORIGINAL

P A R A T I J

1. — F. Xeparatij çui
2. — aiu tupāci repiaca
- Estr. A. 3. — guinhemoyegoyegoaca
4. — xeoribaõamari.

5. — Çori catu xe mbija
6. — Iporangatu rece
- Estr. B. 7. — çoriba xe yabe
8. — xeruba tupuna quiija.

9. — Arobicatupeca
10. — iporang epia catuabo
- Estr. C. 11. — jaço cori ymõbegoabo
12. — çoriba xe yabe

ORAÇÃO

13. — Tupā cig porangete
14. — xe anāma nderauçu
- Estr. D. 15. — toçarõ pai Iesu
16. — xeretama nde abe.

TRANSCRIÇÃO EM ORTOGRAFIA ATUAL (1)

P A R A T I Y

1. a. — F. Che Paratiý sui
2. b. — ajú Tupúnsý repiáka,
3. c. — guiñemojeguajeguáka
4. d. — che rorybaõáma ri.

5. a. — Sorý katú che mbyá
6. b. — iporangatú resé,
7. c. — sorybá che iabé (2)
8. d. — che rúba túpa (3) kyá.

9. a. — Arobykatupeká
10. b. — iporáng epiakatuábo,
11. c. — jasó korí imombeguábo
12. d. — guaibí moesa_yá mbá.

ORAÇÃO

13. a. — Tupāsý porangeté,
14. b. — che anáma nde rausú;
15. c. — tosarõ paí Iesu
16. d. — che retáma, nde abé.

(1) - As alterações ortográficas vêm apontadas na pag. 19.

Observe-se, neste trecho, mais o seguinte:

coa, goa = kua, gua; ex.: goaibí, transc. guaibí; há hesitação na grafia deste grupo, que aparece grafado noutras poesias, ua.

(2) - Vide Análise Gramatical, V. 7, pag. 46.

(3) - Vide Análise Gramatical, V. 8, pag. 46.

A N Á L I S E M É T R I C A

“Parati” é a primeira parte da trilogia intitulada “POESIA”; compõe-se de 16 versos regularmente distribuídos em quatro estrofes, a última das quais constitui uma “Oração”.

Os versos são redondilhas maiores, ex.: *Che-Pa-ra-ti-ý-su-i* (V. 1), *a-jú-Tu-pā-sý-re-pi-á-(ka)* (V. 2), *a-ro-by-ka-tú-pe-ká* (V. 9), etc.

Com excepção dos versos 5, 8 e 11, que acentuam 2.^a, 3.^a e 7.^a, a saber: *So-RY-ka-TÚ-che-mby-Á* (V. 5), *che-RÚ-ba-TÚ-pa-ky-Á* (V. 8), *ja-SÓ-ko-Rí I-mo-mbe-GUÁ-(bo)* (V. 11), todos os demais são acentuados em 3.^a, 5.^a e 7.^a, ex.: *gui-ñe-MO-je-GUA-je-GUÁ-(ka)* (V. 3), *a-ro-BY-ka-TÚ-pe-KÁ* (V. 9), etc.

A rima é consoante, ex.: *repiáka — guiñemojeguajeguáka* (estr. A), *epiakatuábo — imombeguábo* (estr. C), etc. ou toante, ex.: *sui — ri* (estr. A), *resé — iabé* (estr. B) (1), *porangeté — abé* (estr. D).

A única diérese a assinalar é a do verso 8: *So-ry-bá-che-i-a-bé* (1).

A N Á L I S E G R A M A T I C A L

ESTROFE A

Verso 1. *Che Paratiý sui*

Che: eu. — Vide “Diálogo”, V. 12.

Paratiý: rio do Paratí (2). Composto de *Paratí* (= do Paratí) (3) + *y* (rio). Etimologicamente parece indicar *pará*

(1) - Vide “Análise Gramatical”, V. 8, pag. 46.

(2) - Paratí, rio do Espírito Santo, no município de Anchieta.

(3) - Vide Diálogo, V. 21.

(mar) ou *pará* (peixe, corruptela de *pirá*) + *ti* (branco). (1) e *y<yg* (água—>rio).

Y é raiz de vocábulos como *yb<ýba* (aquilo que sobe, o alto, a árvore), *yby* (terra), *ypý* (origem), *ymã* (antigamente) e *sy* (mãe); em grego, uma raiz *v* significa água (cf. *vdwp*); em latim encontra-se *unda*, no sânscrito *undâmi* (alternância vocálica i/u). Finalmente, lembrando que Tales atribuía à água a origem de tôdas as coisas, seria curioso confrontar as suas teorias sôbre terra, produto de água condensada, e a formação tupí *yby*; de ar, água rarefeita, e a formação tupí *ybytú* (*y*, água + *pitúb*, sôpro).

Verso 2. *Ajú Tupásý repiáka*,

ajú: venho, de *u<ur* (vir).

Tupásý: Mãe de Deus, Diálogo, V. 2

repiáka: para ver. Supino de *epiák*, na forma de relativo *repiák*. Os verbos terminados em gutural fazem o supino em *ka*.

Verso 3. *guiñemojeguajeguáka*

guiñemojeguajeguáka: tendo-me pintado todo. Composto de *gui*, índice de 1.^a pessoa singular no gerúndio + *ñemo* = *ñe/je* (reflexivo) + *mo<mbo* (fazer). Anteposto ao verbo, *ñemo* torna-o reflexivo ou passivo. Seu emprêgo neste caso é, aparentemente, pleonástico, pois *jeguá* já é reflexivo (*je* + *gua<guag*). E' que o verbo *guag* não aparece em forma simples; seu emprêgo em compostos (cf. *jeguág*, *jeobaguág*) levou à perda da idéia reflexiva nele contida (cf. português "suicidar-se"). *Jeguajeguáka* é frequentativo e está no gerúndio (V. 2).

Verso 4. *che rorybaóama ri*.

che: eu, Diálogo, V. 12.

(1) - Neiva (Artur) — Estudos da língua nacional, p. 153, São Paulo, 1940.

rorybaõâma: ir estar alegre. *Rorýb*, relativo de *orýb* (alegrar-se) + *aõâma*, sufixo de participio e infinito do futuro.
ri: por. Posposição causativa, forma reduzida de *resé*.

ESTROFE B

Verso 5. *Sorý katú che mbyá*

Sorý: alegria-se. Verbo *orý* < *orýb* (V. 4), em 3.^a pessoa. Nos verbos iniciados em vogal Anchieta emprega índice *s*, correspondente à aspiração, indicada ,por outros autores, *h*.

katú: muito. Posposto ao substantivo, *katú* dá idéa superlativa (cf. *porangatú*, V. 6) e ao verbo, reforça-lhe o sentido: *sorý katú* = exulta, cf. Diálogo, V. 15.

che: meu, possessivo, Diálogo, V. 12.

mbyá: povo. Pode-se admitir a interpretação *mbyá* > *pyá* (coração), mas parece preferível a primeira, visto como, entre o gentio, seriam mais facilmente admitidas as idéias concretas.

Verso 6. *iporangatú resé*;

iporangatú: sua beleza. Composto de *porā* (beleza) + *ngatú* > *katú* (V. 5), expressão que B. Caetano explica como "muita beleza" — > "virtude". Mais provável que a idéa de virtude proceda antes das idéias de beleza e bondade (cf. *katú*, bom), unidas na de perfeição. Não será de estranhar a profundidade dêste pensamento no selvagem desde que lembremos que o tupí soube perceber como "benevolência" é "compreensão", e "saber" "abrir a natureza" . . . (1). A alteração *k* < *ng* verifica-se diante de nasal (*porā*); o *i* inicial é relativo de 3.^a pessoa.

resé: por, cf. V. 4.

(1) - Vide "Tupinambá", V. 20, pag. 67 e "Cantiga por o sem Ventura", Rev. do Arquivo Municipal, t. 72, pag. 211, V. 29.

Verso 7. *sorybá che iabé*

sorybá: alegre < *sorybára*, participio presente de *soryb* (V. 5), com sufixo *hára*: aquele que está contente.

che: eu, Diálogo, V. 12.

iabé: como. Composto de *iab* = *jab* (igualar) + *be* (mais), advérbio empregado nas comparações. Manteve-se, na ortografia, o *i* (normalmente *j*), por necessidade métrica de hiato.

Verso 8. *che rúba túpa kyá.*

che: meu, Diálogo, V. 12.

rúba: pai. Forma relativa de *tub*, que os tupís pronunciavam *túba* e os guaranís *tu*.

túpa: estando. Gerúndio de *tub* (estar, cf. *túba*, pai). No manuscrito lê-se, neste lugar, *tupúna*, evidentemente descuido de cópia (1), por *tupána*, que aliás, segundo se depreende da contagem métrica, deve ser corrigido para *túpa*. Explica-se: o tupí apresenta-se numa fase de evolução em que os vocábulos gozam de extrema flexibilidade e, sem se terem especializado em funções rígidas, são suscetíveis de funcionar em diferentes categorias gramaticais, ex.: *tub* (pai) é também verbo (*tub*, estar) e, possivelmente, radical de *Tupā* (Deus, o pai por excelência, literalmente "aquele que está, que é, o eterno") (2). Seu uso, muito frequente nesta última acepção, alongado em *Tupána*, daria motivo, na cópia, à confusão com o gerúndio *túpa*, de *tub*.

kyá: enfeitado. A observação anterior aplica-se a este caso: *kyá* significa, propriamente, contas braceletes, enfeites. Funciona, aqui, como adjetivo.

ESTROFE C

Verso 9. *Arobykatupeká*

arobykatupeká: quero chegar-me muito. Verbo *robýk*, apro-

(1) - A letra de "Paratí" não é de Anchieta. Vide clichê, pag. 39.

(2) - Diálogo, Vs. 10 e 19.

ximar-se, com prefixo *a* (índice de 1.^a pessoa singular) + *katú*, intensivo (muito, V. 5) + *peká*, desinência especialmente usada pelos homens (1), denotando resolução de executar a ação indicada pelo verbo. Emprega-se, em geral, quando se segue gerúndio-supino (V. 10: *epiakatuábo*). Esta desinência apresenta a variante *neká*, que Anchieta explica como adaptação do subjuntivo presente ao sentido do futuro (em 1.^a pessoa singular ou plural) (2). Há, de fato, entre êstes dois tempos, relações estreitas (3). Figueira adverte que “*pe* não é interrogação” (4), mas não explica o que é. Parece mais lógico tratar-se mesmo de um futuro (característica *pe* > < *ne*) com acréscimo da volitiva *ka* (cf. *uká*, mandar).

Verso 10. *Iporáng epiakatuábo*

Iporáng: sua beleza. De *i*, índice de relação de 3.^a pessoa, + *poráng* (beleza, V. 6).

epiakatuábo: para admirar. Supino de *epiá* (V. 2), numa forma de intensivo (*epiakatú*, cf. V. 5) + *bo*, sufixo de gerúndio-supino.

Verso 11. *jasó kori imombeguábo*

jasó: vamos. 1.^a pessoa plural inclusiva de *so* (ir). Pelo sentido do texto verifica-se que se não trata aqui do indicativo presente, mas do subjuntivo exortativo ou invitativo, cuja forma completa seria *tiasó*, mas que admite, na 1.^a pessoa do plural inclusivo, uma forma reduzida *jasó* (5) (cf. Diálogo, V. 33).

(1) - As mulheres diriam *peki*.

(2) - Anchieta, Arte de Gramática, pag. 23. Rio de Janeiro, 1933.

(3) - Cf. a persistência do subjuntivo como futuro nas 3.^a e 4.^a conjugações e em certos verbos atemáticos latinos.

(4) - Figueira, Arte de Gramática da língua brasileira. (Ed E. Allain). Rio de Janeiro, 1880, p. 131.

(5) - Anchieta, *op. cit.*, p. 23.

kori: hoje. De *ko* (aquí) + *ri*, rel. de *i* (estar).

imombeguábo: lovando-a. Gerúndio de *mombeú* (proclamar —>louvar) (1). Alguns verbos terminados em *u* fazem o gerúndio-supino em *guábo* (cf. V. 10).

Verso 12. *guaibĩ moesaỹ á mbá.*

guaibĩ: antigas. Talvez de *ko*<*ikó* (estar) + *aibĩ*, diminutivo de *aib* (mau, estragado).

moesaỹ á: tristezas. De *mo*<*mbo* (fazer) + *esá* (olhos) + *ỹ*<*eỹ*, (sem) + *a*<*ába*, sufixo de participio, na formação dos substantivos. Literalmente: aquilo que faz ficar sem olhos, cegueira—>ignarância.

mbá: acabar, <*mbáb*, variante de *pab* (Diálogo, V. 6).

ESTROFE D

Verso 13. *Tupāsý porangeté.*

Tupāsý: mãe de Deus (Diálogo, V. 2).

porangeté = muito formosa. Superl. de *poráng*>*porā* + *eté* (muito), cf. V. 6.

Verso 14. *che anáma nde rausú,*

che: meus, (Diálogo, V. 12).

anáma: parentes, >*aná*, ligado (cf. *tupána*, V. 8).

nde: te. Pronome 2.^a pessoa singular.

rausú: amam. Relativo de *sausú*<*sausúb*.

Verso 15. *tosarõ pai Iesu*

tosarõ: guarde. Conjuntivo (característica *t*), 3.^a pessoa (índice *o*) de *sarõ*>*arõ* (guardar, cf. *rõ*, *pôr*) Diálogo, V. 25.

pai: o senhor, Diálogo V. 23.

Iesu: Jesus, forma latina.

(1) - Vide "Cantiga por o sem Ventura". V. 33, *op. cit.*

Verso 16. *che retâma, nde abé.*

che: minha, Diálogo, V. 12.

retâma: terra > *retâ*, cf. Vs. 8 e 14.

nde: tu, V. 14.

abé: também. Conjunção > *be*.

TRADUÇÃO LITERAL

RIO DO PARATÍ

1. Eu do rio do Paratí
2. venho, para ver a mãe de Deus,
3. tendo-me pintado todo
4. porquê ia estar alegre.

5. Exulta o meu povo
6. pela sua virtude,
7. alegre como eu
8. meu pai estando enfeitado.

9. Quero aproximar-me muito
10. para contemplar sua beleza;
11. vamos todos hoje, louvando-a,
12. acabar a antiga cegueira.

ORAÇÃO

13. Mãe de Deus muito formosa
14. meus parentes te amam;
15. guarde o senhor Jesus
16. minha terra, tu também.

Revizibj

Xepiribj on
au tupa reficax
pimtovecomyevaca
Xomvotamari.

iri caba xe vshin
Iporingate vica
comba fe yabe
Xeruba tupa juiza.

Ivovicapeca
Iporing epra ce mabo
Xo toni y mabesabo
omibi molij abe
gracao

Tupa vj poringete
Xeonama n deram
Xerari por Jezu
Xeretona n de ebe.

Reviziba

Xeritiba Xeretona
ebe ingatrog eba
Xeonama Xerbon
Xupij reficaxima.

37

Iporang co tupa vca
Xeg sacaba revupa
augete co erga andupa
adja guca Xerona
copupe miza redupa.

gracao

Bioni, S Maria
Xeonama rucaba
Yangaipe para para
oyemvny vijin
+ Xriw mentoxima
Xoupe y obaipa
Xete Xearga mizya
abiri Xeretima.

Tupitaba

Xepinabagaca
pugaca gradiba
opacate coraba
Xeribate ebum

Xeonama erimbae
te w ipisimo cecon
X Xerente Abira
Xupij mabesabo ipiri

Que tupa o queta
spape onnabrebo
tupa, xerobiretato
Xeo porra mabopa

Aim quixaribebo
S. Maria eude
omibi poranete
Xomvotab mabo.
gracao

Xarung iaca raicapa
oji deropie botay
Xoni oteriducaba
Xy caba de cipa
Xeruba Xopinaga.

Texto das poesias que constituem a "trilogia", segundo reprodução fotográfica autêntica pertencente ao arquivo do Prof. Plínio Ayrosa. A letra não é do punho de Anchieta.

TRANSCRIÇÃO EM ORTOGRAFIA ATUAL (1)

R E R Y T Y' B A

1. a. — Rerytýba, che retáma,
2. b. — tâba angaturangatú!
3. c. — Che anáma che mboú
4. d. — Tupāsý repiakaráma.

5. a. — Iporáng ko tupā-óca
6. b. — jeguakabetá rerúpa.
7. c. — Aujeté ko ánga andúpa,
8. d. — asejá kuesé che róka
9. e. — ko pupé missa rendúpa.

ORAÇÃO

10. a. — Ejorí, S. Maria,
11. b. — che anáma rausubá!
12. c. — Jangaipá parapará
13. d. — ojemoryrýrirýia.

14. a. — Tiasó maratãoãme
15. b. — ojoupé ojobaúpa?
16. c. — Che te che ánga rausúpa,
17. d. — abyrarỹ che retáme.

(1) - Vide pags. 19 e 42.

ANÁLISE MÉTRICA

“Reritiba” é a segunda das composições da “trilogia” de Anchieta: compõe-se de dezessete versos, em quatro estrofes distribuídas em uma quadra e uma quintilha, que formam o recitativo, e outras duas quadras, que formam a “Oração”.

Todos os versos são redondilhas maiores ex.: *Re-ry-tý-ba-che-re-tá-(ma)* (V. 1), *che-a-ná-ma-che-mbo-ú* (V. 3), *a-se-já-kue-sé-che-ro-(ka)* (V. 8), etc..

A acentuação observa-se em 3.^a, 5.^a e 7.^a, ex.: *je-gua-KA-be-TA-re-RÚ-(pa)* (V. 6), *jan-gai-PÁ-pa-RA-pa-RÁ* (V. 12), etc. Nos dois últimos versos, em 2.^a, 4.^a e 7.^a: *che-TE-che-Á-nga-rau-SÚ-(pa)* (V. 16) *a-BY-a-RỸ-che-re-TÁ-(me)* (V. 17).

A rima é consoante em: *retâma*, *repiakarâma* (estr. A), *rerúpa*, *andúpa*, *rendúpa* (estr. B), *ojobaúpa* — *rausúpa* (estr. D). Toante em: *angaturangatú* — *mboú* (estr. A) e *rausubá* — *parapará* (estr. C). Sempre interpolada (ad, bc), com um cruzamento na quintilha (ad, bce).

ANÁLISE GRAMATICAL

ESTROFE A

Verso 1. *Rerytýba*, *che retâma*,

Rerytýba: Reritiba (1). Composto de *rerý*, forma alterada de

(1) - *Reritiba* — antiga Iiritiba, hoje Anchieta, cidade do Espírito Santo. Foi fundada por Anchieta, talvez em 1567, e compreende os distritos de Anchieta, Iritiba e Jabaquara, paróquia de N.S. Assunção de Benevente, situada ao lado esquerdo do Rio Benevente. S. Vasconcelos considera mais provável a existência primitiva de uma aldeia indígena que, visitada pelos padres, tivesse se desenvolvido sob sua direção — Vasconcelos (Simões), Hist. da Cia. de Jesus, 248, cap. IV, t. I.

ryrý (a ostra, de *ryrýi*, tremer, correr (1) + *tyba*, sufixo que que indica abundância.

che retáma: minha terra (Paratí, V. 16).

Verso 2. *tába angaturangatúl*

tába > *tab*, aldeia, cf. Paratí, V. 8.

angaturangatú: virtuosíssima. Superlativo (*katú*, muito) de *angaturā* (virtuoso), composto de *ang* (alma), + *katú* (boa) + *rā*, sufixo comparativo. Como verbo, *rā* significa imitar, parecer; seu emprêgo é paralelo à construção portuguesa: "tão bom!", onde "tão" (comparativo) dá idéia superlativa.

Êstes dois versos constituem uma invocação.

Verso 3. *Che anáma che mboú*

Che anáma: meus parentes (Paratí, V. 14).

che: me (Paratí, V. 1).

mboú: mandaram. Composto de *mbo* (fazer) + *u* (vir).

Verso 4. *Tupāsý repiakaráma.*

Tupāsý: N. Senhora (Diálogo, V. 2).

repiakaráma: para ver. Verbo *repiáka* > *repiák* (cf. *tába* > *tab*)

retáma > *retā*: relativo de *epiák* (ver) + *rāma* > *rā*, sufixo de futuro, que se pospõe aos infinitos e participios.

ESTROFE B

Verso 5. *Iporáng ko tupā-óka,*

Iporáng: é bela. Prefixado ao adjetivo, o *i* pronominal corresponde ao verbo substantivo (cf. *ĩ*, estar). *Poráng*, bela.

ko: esta. Pode funcionar como advérbio (aquí).

tupā-óka: igreja. Literalmente, de Deus (*Tupā*, Paratí, V. 2), casa (*óka*).

Óka é forma tupí de *óga*, supino substantivado de *og*, cobrir.

(1) - Diálogo, V. 5.

Verso 6. *jeguakabetá rerúpa.*

jeguakabetá: adornos coloridos. De *jeguakáb* (enfeites). = *jeguák* (Faratí V. 3) + *ab<ába* (cabelo, penas, adôrno) + *etá*, sufixo de plural.

rerúpa: trazendo. Gerúndio de *rerúb* (trazer), frequentativo de *rub*, (ter consigo) formado de *rō* (pôr) + *ub* (ficar).

Verso 7. *Aujeté ko ánga andúpa.*

aujeté: em verdade. Composto de *auj*, variante de *añ* = *ang*, agora, pois (cf. *taujé*, Diálogo, V. 35) + *eté* (real, Diálogo, V. 21). *Aujé* é partícula adverbial que exige gerúndio (*andúpa*).

ko ánga: esta alma. *Ko* (esta) *ánga* (alma).

andúpa: atendendo. Gerúndio de *andúb><endúb* (escutar). *Andúb* significa, mais especialmente, ouvir, isto é, atender, sentir. O gerúndio-supino dos verbos em *b* faz-se em *pa*.

Verso 8. *asejá kuesé che róka*

asejá: eu deixei. *A*, índice de 1.^a pessoa singular + *sejá<<sejár* (deixar), composto de *se* = *sē* (sair) + *jar* (estar unido : *j* = *i*, pronome de 3.^a pessoa + *ar*, tomar, prender). *kuesé*: ontem, cf. *kué<kuér* (antigo) e *kuebé* (há dias). *che*: minha (Diálogo, V. 12).

róka: casa. Relativo (índice *r*) de *óka* (casa, V. 5).

Verso 9. *ko pupé missa rendúpa.*

ko: aquí (V. 5).

pupé: em. Posposição.

rendúpa: para ouvir. Supino de *rendúb*, relativo (índice *r*) de *endúb* (V. 7).

ESTROFE C

Verso 10. *Ejorí S. Maria,*

Ejorí: vem. Imperativo de *ur* (vir), cf. Diálogo, V. 1.

Verso 11. *che anáma rausubál*

che anáma: de meus parentes (Paratí, V. 14).

rausubá: protetora. Particípio presente de *rausúb* (amar), com sufixo *ára*, reduzido a *a*. Esta desinência indica o agente que realiza uma ação por hábito constante: *rausubára*, aquela que ama constantemente —> protetora. A posposição do substantivo implica um genitivo anterior (*che anáma*).

Verso 12. *jangaipá parapará*

jangaipá: de seus pecados. *J=i*, índice de relação de 3.^a pessoa, *angaipá* < *angaipába* (pecados). Este substantivo é derivado de *ang* (alma) + *aíb* (má) + *a* < *ába*, sufixo nominal, com dissimilação *p*—>*b*. Para o genitivo cf. V. 11.

parapará: inúmeros. Composto de *pará* < *paráb* (vário), formado de *pa* (todo, Diálogo, V. 6) + *rab* (desatar cf. Diálogo, V. 21). Formação de tipo frequentativo (cf. português “corre-corre”) com significação superlativa: variadíssimos, inúmeros.

Verso 13. *ojemoryrí ryrýia*.

ojemoryrí: eles tremem. *O*, índice de 3.^a pessoa + *je*, reflexivo + *mo* < *mbo* (fazer) + *ryrýi* (tremem, V. 1).

rirýia: trêmulos. O mesmo verbo (*ryrýi*) empregado como adjetivo por meio do sufixo nominal *a* (cf. *sê*, *sair* < *séma*, saída). A expressão *ojemoryrí ryrýia*, é de caráter frequentativo; eles se apavoram.

ESTROFE D

Verso 14. *Tiasó marataoáme*

Tiasó: continuaremos. *T* prefixo de conjuntivo + *ia* = *ja*, pronome de 1.^a pessoa plural inclusiva + *so* (ir), funcionando como futuro do indicativo (1);

(1) - Anchieta, *op. cit.*, pag. 22. Cf. Diálogo, V. 33.

marataõáme: desordenados. De *maráb* (cf. *rab*, soltar), desunidos, desabridos + *t* eufônico + *aõáme/aõâma*, sufixo de futuro. Os nomes podem, em tupí, receber desinências temporais.

Verso 15. *ojoupé ojobaúpa*.

ojoupé: uns aos outros. Composto de *ojó*, pronome recíproco, + *upé*, posposição (a, para).

ojobaúpa: prejudicando. Gerúndio de *baúb*, contração de *mbo* (fazer) + *aúb* (mal). Está em 3.^a pessoa recíproca; *ojó* = o (índice de 3.^a pessoa) + *jo / je*, partícula recíproca.

Verso 16. *Che te, che ânga rausúpa*,

Che: eu (Diálogo, V. 12).

te: eis que. Partícula adverbial, exige gerúndio (*rausúpa*).

che: minha (Diálogo, V. 12).

ânga: alma, V. 7.

rausúpa: por amar. Gerúndio, exigido por *te*, de *rausúb*, rel. de *ausúb* (amar).

Verso 17. *abyar ã che retáme*.

abyrar ã: venho, de *abyár*, composto de *abý* (diverso) + *ar*, sufixo de participio. O *ã* final é a forma reduzida da negativa e *ã*, donde: não errar, isto é, ir ou vir direito a. Sem índice pessoal por ter sujeito claro (V. 16).

che: minha (Diálogo, V. 12).

retáme: à terra. Composto de *retã*, relativo de *etã* (o país, a pátria) + *me*><*pe*, locativo.

TRADUÇÃO LITERAL

RERITIBA

1. Ó Reritiba, minha terra,
2. aldeia virtuosíssima!

3. Mandaram-me os meus parentes
4. para ver a mãe de Deus.

5. Esta igreja é bonita
6. trazendo miutos adornos coloridos.
7. Na verdade, atendendo esta alma,
8. deixei ontem minha casa
9. para ouvir a missa aqui.

ORAÇÃO

10. Vem, ó Santa Maria,
11. protetora de meus parentes!
12. De seus inúmeros pecados
13. êles se apavoram.

14. Continuaremos maus,
15. prejudicando-nos uns aos outros?
16. Eis que eu, por amar a minha alma
17. venho à minha terra.

TERCEIRA PARTE

CÓPIA DO ORIGINAL

TUBINĀBA

- | | | | |
|----------|-----|---|----------------------|
| | 1. | — | F. Xetupinābagoaçu |
| | 2. | — | paigoaçu yrūdiba |
| Estr. A. | 3. | — | opacatu caraiba |
| | 4. | — | xemōbaete catu. |
| | 5. | — | Xeanāma erimbae |
| | 6. | — | teco ipiramo cecou |
| Estr. B. | 7. | — | yxupe ranhe Abare |
| | 8. | — | tupā mōbegoabo ixou. |
| | 9. | — | Ore tupā ogueta |
| | 10. | — | ipupe oronhēboebo |
| Estr. C. | 11. | — | tupā recobiaretebo |
| | 12. | — | tecopoera mōbopa. |
| | 13. | — | Aiuri guiyerurebo |
| | 14. | — | S. Maria çupe |
| Estr. D. | 15. | — | omēbi porangete |
| | 16. | — | tomoyerecoab orebo. |

ORAÇÃO

- | | | | |
|----------|-----|---|--------------------|
| | 17. | — | Paranagoaçu raçapa |
| | 18. | — | aju derepiapota |
| Estr. E. | 19. | — | ejori orerauçubá |
| | 20. | — | Tejcatu de cuapa |
| | 21. | — | Xeruba Tupināba. |

TRANSCRIÇÃO EM ORTOGRAFIA ATUAL (1)

TUPINAMBÁ

1. a. — Che Tupinambá guasú,
2. b. — P'ai guasú irundýba,
3. c. — opakátú karaiba
4. d. — che mombaeté katú.

5. a. — Che anáma erimbaé
6. b. — tekó ypýramo sekóu;
7. c. — ichupé rañé Abaré
8. d. — Tupā mombeguábo ichóu.

9. a. — Oré tupā ogetá
10. b. — ipupé oroñemboébo,
11. c. — Tupā rekobyaretébo,
12. d. — tekó poéra mombopá.

13. a. — Ajuri guijererurébo
14. b. — S. Maria supé,
15. c. — omembý porangeté
16. d. — tomojerekuáb orébo.

ORAÇÃO

17. a. — Paraná guasú rasápa
18. b. — ajú; de repiapotá.
19. c. — Ejóri (2) oré rausubá!
20. d. — Teikatú de kuaápa (3)
21. e. — che rúba Tupinambá!

(1) - Vide Diálogo, pag. 19 e Paratí, pag. 42.

(2) - Vide "Análise Métrica", pag. 61.

(3) - Vide pag. 67, V. 20.

ANÁLISE MÉTRICA

“Tupinambá” é a terceira e última parte do conjunto intitulado “POESIA”. Constitue-se de 21 versos, distribuídos em quatro quadras e uma quintilha (a “Oração”). Todos os versos são redondilhas maiores: *Che-Tu-pi-na-mbá-gua-sú* (V. 1), *Pa-i-gua-sú-i-rú-ndý-(ba)* (V. 2), etc. No V. 19 (*E-jo-rí-o-ré-rau-su-bá*) uma sinérese (*e-jo-Rí O-ré-rau-su-bá*) indispensável desloca a acentuação, conforme passaremos a ver.

ACENTUAÇÃO: Acentuam-se 3.^a, 5.^a e 7.^a sílabas; *Che-Tu-PI-na-MBÁ-gua-SÚ* (V. 1), *che-mo-MBÁ-e-TÉ-ka-TÚ* (V. 4), etc.. Nos versos 2 e 3 (estr. A) e 20 e 21 (Oração), acentuam-se 2.^a, 4.^a e 7.^a: *Pa-í-gua-SÚ-i-ru-NDY-(ba)* (V. 2), *o-PA-ka-TÚ-ka-ra-Í-(ba)* (V. 3), *Te-í-ka-TÚ-de-kua-Á-(pa)* (V. 20), *che-RÚ-ba-TU-pi-na-MBÁ* (V. 21). Ora, o verso 19 ou marca 3.^a, 5.^a e 8.^a (*E-jo-Rí-o-RÉ-rau-su-BÁ*) ou, com sinérese, 3.^a, 4.^a e 7.^a (*E-jo-Rí O-RÉ-rau-su-BÁ*); em ambos os casos está, evidentemente, defeituoso. A deslocação da tônica evita o erro e ajusta o verso ao 2.^o tipo (2.^a, 4.^a e 7.^a tônicas): *E-JÓ-ri o-RÉ-rau-su-BÁ* (1).

RIMA: A rima é ora consoante (*oroñemboébo — rekobyaretébo*, estr. C; *rasápa — kuaápa*, estr. D), ora toante (*guasú — katú*, estr. A; *ogetá — mombopá*, estr. C), mas sempre interpolada (ad, bc), com um cruzamento na quintilha (ad, bce). Apenas a estr. B apresenta rima cruzada (ac, bd).

(1) - Vide “Análise Gramatical”, V. 19, pag. 66.

ANÁLISE GRAMATICAL

ESTROFE A

Verso 1. *Che Tupinambáguasú.*

Che: eu, Diálogo, V. 12.

Tupinambá: Tupinambá. Composto de Tupiná (forte, valente) + *mbá* < *mbyá* (povo). O primeiro elemento é um derivado de *ypý* (princípio, Paratí, V. 1), e serviu de tema a várias outras denominações (*Tupinaés, Tupinakís, etc.*) (1).

guasú: grande. Usa-se com substantivos oxítonos; com os paroxítonos, nas formas reduzidas *asú, usú, su*. Subentenda-se o verbo substantivo (Paratí, V. 1).

Verso 2. *Paíguasúirundýba.*

Paíguasú: do bispo (Diálogo, V. 23). A anteposição do substantivo implica genitivo.

irundýba: companheiros. Derivado de *irũ* (acompanhar) + *dýba*, abrandamento de *týba*, sufixo que indica abundância e funciona aqui como partícula de plural. O abrandamento t—>d é lei de fonética geral; neste caso, a fortiori, pois repugnam à índole da língua certos grupos consonantais (Diálogo, V. 2).

Verso 3. *opakatúkaraíba*

opakatú: todos. Composto de *opá* (tudo, de *pa* < *pab*, findar, Diálogo, V. 6) + *katú* (muito).

karaíba: cristãos. Ainda hoje, no Amazonas, chamam aos eu-

(1) - For "Tupinambás" designaram-se várias tribus de diferentes pontos do litoral do Brasil. Sobre a etimologia do termo, ver Bertoni, *Anales Cientificos del Paraguai*, n.º 1, Série II, 1916, Novembro, pag. 7.

ropeus "caraíbas". Sobre a etimologia do termo têm sido apresentadas várias hipóteses (1).

Verso 4. *che mombaeté katú.*

che: me, Paratí, V. 1.

mombaeté: apreciam. Este vocábulo foi traduzido anteriormente como "temem" (2) e explicado como um composto de *mo* < *mbo* (fazer) + *mbai* > *baí* (metátese de *aib*, mau) + *eté* (verdadeiramente). Mais provável a contração de *mombaé* (apreciar) + *eté*, sentido que se ajusta, aliás, melhor, aos versos seguintes.

ESTROFE B

Verso 5. *Che anáma erimbaé*

Che anáma: meus parentes, Paratí, V. 14.

erimbaé: antigamente. Composto de *eri* (= *ari*, sobre) + *mbaé* (cousa).

Verso 6. *tekó ypý ramo sekóu;*

tekó: usos. Absoluto de *ekó* (viver), cf. Diálogo, V. 19.

ypý: primitivos. Composto de *y* < *yb* (crescer) + *py* (pé, fundamento) cf. Paratí, V. 1.

ramo: conforme. Partícula pospositiva, átona. Função adverbial.

sekóu: viviam. De *ekó*, cf. *tekó*. Precedido de advérbio, o verbo iniciado em vogal sofre alterações: 1.º recebe *s* em lugar do índice pessoal (*i*); 2.º acrescenta *u* no final (3).

Verso 7. *ichupé rañé Abaré*

(1) - Vide B. Caetano, notas, in Cardim, *op. cit.*, pag. 234.

(2) - Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, t. 84, pag. 579.

(3) - Anchieta, *op. cit.*, pag. 39.

ichupé: a êles. *I* pronome de 3.^a pessoa + *chupé*, forma eufônica de *upé*, posposição (a, para).

rañe: antes que. Relativo de *ang* (agora).

Abaré: os padres. Expressão de tratamento para sacerdotes; composta de *abá* (homem) + *re* (diferente), porquê, diz R. de Montoya (1), o índio acha esquisito que vivam em celibato.

Verso 8. *Tupã mombeguábo ichóu.*

Tupã: Deus, Diálogo, V. 10.

mombeguábo: anunciando, Gerúndio de *mombeú* + *guábo* > >ábo.

ichóu: fossem. Verbo *so* (ir), que precedido de *i* (índice pessoal), transforma o *s* inicial em *ch* (eufonia), cf. *ichuí* (Diálogo, V. 26). O *u* final explica-se pela anteposição de *rañe* (V. 6).

ESTROFE C

Verso 9. *Oré Tupã ogetá*

Oré: nosso. Pronome e adjetivo possessivo de 1.^a pessoa plural exclusiva (2).

Tupã ogetá: igrejas. Literalmente, casas (*óga* + *etá* advérbio de quantidade, funcionando como partícula de plural, cf. *týba*, V. 2) de Deus (*Tupã*, Reritiba, V. 5).

Verso 10. *ipupé oroñemboébo,*

ipupé: dentro de. A posposição *pupé* tem sentido instrumental,

(1) - Montoya (A. Ruiz de) — Conquista Espiritual, cap. XIV.

(2) - Vide B. Caetano, in Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, t. 84, pag. 582.

e significa "por meio de"; precedida, porém, do relativo *i* passa a significação especial(1).

oroñemboébo: nos instruindo. 1.^a pessoa plural exclusiva (cf. V. 9) de *mboébo* (ensinando), ger. de *mboé* (ensinar).

Verso 11. *Tupā rekobyaretébo*

Tupā: Tupā, Diálogo, V. 10. Os jesuitas conservaram, tanto quanto possível, os hábitos e denominações nativas, limitando-se a provocar um reajustamento de concepções. Daí o mesmo termo "*Tupā*" servir para designar Deus, cristão ou pagão.

rekobyaretébo: substituindo. De *rekobyá* (substituir) + *eté* (verdadeiramente) + *bo*, sufixo de gerúndio.

Verso 12. *tekó poéra mombopá*.

tekó: hábitos, V. 6.

poéra: antigos. O mesmo que *kuéra*, *kuér*, *kué* (Reritiba, V. 8).

mombopá: destruíram. Verbo *mombopá*, de *mo* < *mbo* (fazer) + *mbo* > *po* (saltar) + *pa* < *pab* (completamente).

ESTROFE D

Verso 13. *Ajurí guijerurébo*

Ajurí: eu venho. 1.^a pessoa singular de *ur* (vir) + *i*, complemento terminativo de que o tupí usa para indicar, nos verbos, perseverança na ação (cf. V. 18, 19 — Diálogo, V. 1).

guijerurébo: suplicar. *Gui*, índice de 1.^a pessoa em gerúndio ou supino + *jeruré* (suplicar), + *bo*, sufixo de ger. - supino.

Verso 14. *S. Maria supé*

supé: a, posposição, cf. *upé*, V. 7.

(1) - Anchieta, *op. cit.*, pag. 40.

Verso 15. *omembý porangeté*

omembý: seu filho. *Membý* (filho). precedido de *o*, índice de relação recíproco.

porangeté: formosíssimo, Paratí V. 3.

Verso 16. *tomojerekuáb orébo.*

tomojerekuáb orébo: torne benigno para nós. *T* prefixo de optativo, + *o*, índice de 3.^a pessoa + *mojerekuáb*, composto de *mbo* (fazer) + *jerekuáb* (benigno).

ESTROFE E

Verso 17. *Paranáguasú rasápa*

Paraná: rio. *Pará* (mar) + *rã* (semelhante) (Reritiba, V. 2).

guasú: grande, V. 1.

rasápa: atravessando. Gerúndio de *rasáb*.

Verso 18. *ajú: de repiapotá.*

ajú: eu venho, V. 13.

de: te, >*nde*, 2.^a pessoa singular do pronome e adjetivo possessivo.

repiapotá: ver eu quero. Composto de *repiá* (ver), *potá* (eu quero), por sua vez composto de *po* (mão) ou *mbo*>*po* (fazer) + *ta*<*tar*, (colhêr).

Verso 19. *Ejóri, oré rausubál*

Ejóri: vem. Imperativo de *ur*. Deslocação de acento tônico (1) (cf. Diálogo, V. 1).

oré: nossa, V. 9.

rausubá: protetora. Está por *rausubára*, de *rausúb* (amar) + *ára*, sufixo de participio.

(1) - Vide "Análise Métrica", pag. 61.

Verso 20. *Teikatú de kuaápa*

Teikatú: oxalá possa. *Te*, prefixo de optativo + *ikatú* (poder, Diálogo, V. 4). *Ikatú* exige complemento no gerúndio (*kuaápa*).

de: te, V. 18.

kuaápa: conhecer, literalmente, conhecendo. Gerúndio de *kuá*, expressiva formação tupí: *ko* (o ser, a vida) + *ab* (abrir), isto é, indagar da natureza íntima das cousas —> saber.

Verso 21. *che rúba Tupinambá!*

che: meu, Diálogo, V. 12.

rúba: pai, Paratí, V. 8.

Tupinambá: Tupinambá, V. 1.

TRADUÇÃO LITERAL

T U P I N A M B Á

1. Eu (sou) o grande Tupinambá.
2. Os companheiros do bispo,
3. todos os cristãos,
4. me apreciam muito.

5. Antigamente meus parentes
6. viviam segundo usos primitivos,
7. antes que os padres a eles
8. fossem, anunciando Deus.

9. Dentro de nossas igrejas
10. nos instruindo,
11. substituindo Tupã,
12. destruíram os antigos hábitos.

13. Eu venho suplicar
14. a Santa Maria,
15. torne benigno para nós
16. seu formosíssimo filho.

ORAÇÃO

17. Atravessando o grande rio
18. venho; quero ver-te.
19. Vem, nossa protetora!
20. Oxalá possa conhecer-te
21. o meu pai Tupinambá!

★
★ ★

NOTA FINAL

A "Trilogia" apresenta, um notável progresso, relativamente ao "Diálogo".

O cenário é ainda, com certeza, uma clareira de mata, onde se constituiu uma taba e construiu-se, depois, uma cidade (1), mas os personagens já não são entes sobrenaturais, anjos ou demônios, a cujo poder se subordine a tranquilidade da tribo: são os próprios índios, vindos de longe pela salvação de sua alma. A festa é de homenagem a Nossa Senhora, cuja imagem foi para ali transportada e vai receber a consagração de um bispo em visita à aldeia (2).

Três índios falam (3) como representantes de três tribus, nem todas, ainda, completamente catequizadas (4). Suas palavras não têm ornatos, como as idéas não têm abstrações nem complexidades — o índio não alcançara ainda as subtilezas da civilização. Usa, porisso, de expressões que refletem uma sensibilidade essencialmente material: desconhecendo, por exemplo, os sentidos de "virtude" e "veneração", elogia a "beleza" (*porânga*), a "muita beleza" (*porangeté*) da Virgem, que veio "contemplar" (*epiakatú*). Mas já sabe rezar, e sua peroração é uma pequena prece em que protesta lealdade e implora a proteção do céu para seu povo.

(1) - Reritiba, hoje cidade de Anchieta, no Espírito Santo (Vide "Reritiba", V. 1).

(2) - "Tupinambá", V. 2.

(3) - Vide pag. 21, nota 1.

(4) - "Reritiba", Vs. 12 a 15.

Fala, em primeiro lugar, o enviado do

RIO DO PARATÍ

“Venho do Rio do Paratí para ver a mãe de Deus. Pinteime, em sinal de alegria; meu pai, alegre também, enfeitou-se todo. Minha tribu exulta com a beleza da Virgem. Aproximo-me para contemplá-la... Louvando-a, renunciemos ,hoje, à cegueira antiga!”

E reza: “Mãe de Deus muito formosa, minha gente te ama; guarda, com Nosso Senhor, a minha terra natal!”

Segue-se o de

RERITIBA

“Reritiba, minha terra, aldeia santa! A minha gente mandou-me contemplar Nossa Senhora. Que linda esta capelinha adornada de pinturas! Saí de casa ontem para ouvir missa aqui!”

Reza: “Santa Maria, nossa protetora! minha tribu tem pecados e muito se arreceia deles. Continuaremos tão maus, prejudicando-nos mutuamente? Eis-me aqui, em minha terra, a zelar pela minha alma...”

Finalmente, fala o orgulhoso

TUPINAMBÁ

“Sou o grande Tupinambá. Os companheiros do bispo — todos os cristãos — apreciam-me. Mas antes da vinda dos padres — antes de nos construirem capelas e nos ensinarem nelas; antes de substituirem Tupã pelo verdadeiro Deus, reformando velhos hábitos — tínhamos costumes primitivos... Venho suplicar a Santa Maria que obtenha

para nós o favor de seu filho”.

E reza: “Fara ver-te, atravessei o grande rio. Vem a nós, ó protetora! Oxalá te conheça também, meu pai, o Tupinambá!”

Cena simples, como se vê, mas sincera; pobre, mas hábil.

Antecipando a escola nova em pleno domínio da escolástica, percebendo, desde muito cedo, que a alegria é centro de interesse no aprendizado, Anchieta fez do teatro uma escola amável. Pois, continuando, com festas religiosas, as tradições nativas, e apresentando quadros convenientemente adaptados às contingências locais, era apreciado e sugestivo; e, com representações em língua geral, captava a confiança do gentio, o que era indispensável ao êxito da catequese.

Dentro de pouco tempo, em contacto, mais estreito com os colonizadores, os índios assistiriam a espetáculos em português. Anchieta, porém, teria o cuidado de introduzir-lhes expressões nativas, cuja importância política foi considerável e que, literariamente, deram à sua obra um cunho pitoresco muito original.

* * *

I N D I C E

Notas prévias	5
I. O diálogo	11
Cópia do original	17
Transcrição	19
Análise métrica	21
Análise gramatical.....	22
Tradução	32
II. A trilogia	37
1.ª parte	41
2.ª parte	51
3.ª parte	59
Nota final	69

★

★ ★

Este livro foi composto e impresso
nas oficinas de José Magalhães,
R. Quirino de Andrade, 59-67
São Paulo — 1941

